

“Eles ainda não estão prontos para proposta”

“Na viagem que fiz ao exterior informei aos banqueiros que essa era a melhor alternativa para negociar a dívida externa, mas eles ainda não estavam amadurecidos para receber essa proposta. Espero que agora amadureçam.”

Assim, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, concluiu seu pronunciamento na sexta-feira no encerramento do VII Encontro Latino-Americano da Econometric Society, referindo-se à proposta feita por ele de negociar a dívida brasileira com os banqueiros aproveitando o deságio de 45% com que ela é transacionada atualmente no mercado secundário internacional.

Essa idéia, chamada pelo ministro de “não convencional”, seria a seu ver a solução tanto para o Brasil quanto para os países credores, porque exigirá superávits comerciais brasileiros inferiores aos US\$ 10 bilhões que são necessários para continuar pagando os juros da dívida e, em contrapartida, déficits comerciais dos países credores menores do que obterão se mantidas as condições atuais.

Para Bresser Pereira, se a dívida externa brasileira vale hoje 55% de seu valor de face, não há nenhum problema de o Brasil assumir 30% do percentual total de deságio e os bancos assumirem 15% restantes. De acordo com ele, o próprio mercado já se ajustou para esse tipo de negociação com os provisionamentos feitos pelos bancos credores para eventuais prejuízos e a lei norte-americana também já está preparada com as recomendações enviadas à Câmara de Deputados e ao Senado dos Estados Unidos

determinando que os bancos aceitassem títulos dos países devedores desde que com garantias.

Uma das dificuldades para esse tipo de negociação, conforme admitiu Bresser Pereira, é conseguir a garantia de uma grande instituição financeira, seja o Banco Mundial, seja um fundo formado por grandes investidores para oferecer o aval para os títulos da dívida brasileira.

A outra alternativa, segundo o ministro da Fazenda, é a “solução convencional”, como definiu. Sua proposta nessa linha é de que o Brasil consiga negociar com os bancos a dívida brasileira com “spread” zero e sem contar, num primeiro momento, com a intermediação do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Essa proposta convencional, para Bresser Pereira, não beneficia o Brasil e tampouco os Estados Unidos. Isso porque, explicou, o Brasil terá de gerar superávits na balança comercial de US\$ 10 bilhões ao ano, enquanto os EUA teriam de amargar o crescimento de seu déficit comercial. Além disso, essa proposta pressupõe uma transferência real de recursos para o exterior de US\$ 7 bilhões ao ano e um custo também anual para o pagamento dos juros das dívidas interna e externa correspondente a 3,3% do Produto Interno Bruto ao ano.

Bresser Pereira deixou claro que sua estratégia preferida de negociação com os bancos é através da “forma não convencional”. E comentou: “Como se trata de uma solução lógica e tudo que é lógico demora a ser aceito, os bancos devem levar algum tempo para aceitá-la”.